

OPERADOR - CARACTERÍSTICA.

CONTRA REGRA - BATIDAS LEVES NA PORTA.

Alfredo - (ao tempo que bate) Mãe, a senhora está muito ocupada?

Eugênia - (2º plano) O que é que você quer, Alfredo?

Alfredo - Eu queria conversar com a senhora uns dez ou quinze minutos.

Eugênia - (2º plano) Óra, meu filho, eu estou tão ocupada! Você não podia deixar a sua conversa para depois?

Alfredo - Não, mãe, tenha paciência, mas eu preciso falar agora. Faz três dias que lhe procuro para tratar deste assunto e a senhora sempre tem qualquer coisa que a impede de me atender.

CONTRA REGRA - ABRE PORTA.

Eugênia - Ah, meu filho, você quando quer as coisas não sabe esperar. Logo hoje que eu estou cheia de compromissos e atarefadíssima.

Alfredo - A senhora está sempre atarefada, mãe; sempre cheia de compromissos. Aposto que é um chá... um aperitivo... ou uma sessão de cinema, não é?

Eugênia - Puxa que você até parece divinho! É exatamente o que eu tenho: um chá às seis horas, um aperitivo às sete e uma sessão de cinema às sete e meia. Depois uma ceia no Clube às dez horas, o início do Campeonato de Bridge às onze e à meia noite vamos todos para a casa da Rosah comemorar o aniversário do Gilberto que é amanhã. Veja se lhe agrada o alfinete de gravata que vou dar a ele, de presente.

Alfredo - (Depois de pausa) O alfinete me agrada muito, mas não as coisas que me desagradam profundamente, mãe. Sobre elas eu estou aqui para lhe falar.

Eugênia - (sem levar a sério) O que?... Será possível que depois de quasi trinta anos de convivência, você tenha resolvido se desagradar das coisas que eu faço? Ainda não se acostumou a elas?

Alfredo - Ouça, mãe: eu nunca vou me acostumar com a sua vida; <sup>apenas me</sup> ~~resignar~~ resignar-me a ela. Eu achava com o direito de interceder ou de lhe observar sobre coisas que, afinal, não passavam de futilidades um tanto impróprias para a sua idade e para a sua posição de mulher viúva, mas <sup>no fim</sup> que ~~eram~~ eram apenas futilidades, entretanto agora...

Eugênia - (depois de pausa) Agora o que?

- Alfredo - Agora as futilidades começam a se desviar para o caminho das leviandades e das inconveniências, *e eu...*
- Eugênia <sup>(curta)</sup> - Como assim? Não estou entendendo.
- Alfredo - Eu procurarei ser bem claro para que a senhora me entenda.
- Eugênia - Acho bom. Você me conhece bem e sabe que eu não gosto das coisas confusas.
- Alfredo - Eu também não gosto; e, neste ponto, somos bem parecidos. Ouça, mãe: chegou a hora de advertir-lhe que a senhora está enveredando para um caminho errado. A senhora, afinal, não é mais criança. Es tá com cinquenta e dois anos...
- Eugênia - (rápida, cortando) Cincoenta e um, faça o favor.
- Alfredo - Faltam dois meses e pouco para completar cinquenta e dois... é qua si a mesma coisa.
- Eugênia - Pode ser "quasi" a mesma coisa mas não "é bem" a mesma coisa. Ainda faltam dois meses e pouco.
- Alfredo - O que são dois meses <sup>e pouco</sup> numa vida de cinquenta e dois anos, mãe?
- Eugênia - (acentuando) Cincoenta e um, faça o favor.
- Alfredo - Está bem, mãe, isso não vem ao caso. A verdade é que a senhora já deixou de ser criança há muito tempo.
- Eugênia - Já compreendi. Tú queres me fazer lembrar que sou uma velha, não é isso?
- Alfredo - Uma velha, propriamente, não direi, mas não me parece que possa haver exagero da minha parte se disser que a senhora já é "quasi" uma velha.
- Eugênia - (agastada ~~\_\_\_\_\_~~ pela amabilidade, mas... e d'aí?
- Alfredo - Daí que a senhora já não tem mais o direito de proceder como se fôsse uma menina de dezoito anos, namorando rapazotes mais moços do que o seu filho.
- Eugênia - Quem te envenenou o espírito contra mim, meu filho, a ponto de me fazeres acusações dessa natureza?
- Alfredo - Ninguém me envenenou o espírito contra a senhora, mãe. O que lhe digo nada mais é ~~\_\_\_\_\_~~ produto das minhas próprias observações.
- Eugênia - Muito bem. ~~\_\_\_\_\_~~ dizer que nas tuas espionagens tú chegaste à conclusão de que eu ando namorando rapazotes?
- Alfredo - Espionagens não é ~~\_\_\_\_\_~~ o termo adequado, mãe. Entre observação e espionagem há um sentido completamente diverso.
- Eugênia - Está bem, concedo. Dize-me, então, o que observaste.
- Alfredo - ~~\_\_\_\_\_~~ <sup>Comecemos</sup> do princípio: ~~\_\_\_\_\_~~ amiga Resah era uma criatura que a senhora procurava sempre evitar, por considerá-la insípida e aborrecida. Cada ~~\_\_\_\_\_~~ que se via impossibilitada de fugir a um convite dela, a senhora ~~\_\_\_\_\_~~ lamentava terrivelmente, queixando-se sempre, ao regressar, de indisposições tremendas. Isso acontecia ~~\_\_\_\_\_~~ <sup>todas as vezes</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ até que se proporcionou a oportunidade da senhora conhecer Gilberto. Já ~~\_\_\_\_\_~~ naquela noite a senhora me declarou que a reunião fôra muito agradável e que o filho de dona Resah era um rapaz encantador.

Eugênia - Muito bem. Continúe.

Alfredo - Daí para diante, nunca mais a senhora se lamentou ~~exteriormente~~ por ter que atender aos convites de dona Rosah; pelo contrário, ficava possuída de uma alegria quasi infantil quando era solicitada a sua presença lá. E com que extremos cuidados se vestia e se adornava para reuniões de carater íntimo!... Chegou mesmo a brigar com a modista que não lhe aprontou um determinado vestido que a senhora queria botar numa sessão de cinema em que iria acompanhada de dona Rosah e seu filho Gilberto.

Eugênia - Perfeitamente.

Alfredo - Logo a seguir, começou a se apresentar, em toda parte, acompanhada, apenas por esse rapaz, provocando, por parte da sociedade, sorrisos malévolos e comentários desairosos. E é isso que eu não desejo que continúe, mãe. E é isso que eu me empenho em ~~uma~~ termino completamente, para que o nome de papai não seja salpicado pela lama da maledicencia. Por isso eu lhe peço, mãe - e vim aqui expressamente para isto -: evite a companhia desse rapaz.

Eugênia - Não posso, meu filho. Não tenho nenhum motivo para proceder de maneira assim intempestiva.

Alfredo - Não tem nenhum motivo, diz a senhora?!...

Eugênia - Absolutamente, nenhum.

Alfredo - Mas e a salvaguarda do nome de um homem como foi o meu pai e seu marido não lhe parece motivo mais ~~do~~ que suficiente para que a senhora evite a companhia de Gilberto? E o seu próprio nome e a sua dignidade não estão a reclamar uma medida drástica para acobertá-los ~~das~~ consequências dos comentários que já pululam em toda a cidade?

Eugênia - Que pode dizer de mim essa gente, si em doze ânos de viuvez nunca me surpreendeu na menor deshonestidade?

Alfredo - Diz, simplesmente, o que as aparências lhe dão o direito de dizer.

Eugênia - Óra, as aparências! Bem errado anda aquele que se deixa guiar por elas.

Alfredo - Mãe, nós não ~~podemos~~ marchar contra o mundo. E ainda que estejamos contra ele em muitas coisas, temos o dever de acompanhá-lo para não parecermos diferentes. O mundo não pode admitir amizade ou camaradagem constantes entre uma viuva da sua idade e um rapaz que pode ser seu filho, sem imaginar que exista da parte de um ou de outro um interesse qualquer inconfessavel.

Eugênia - Tolices. Absurdos a que não se deve dar ouvidos.

Alfredo - Como não, mãe? Mas então eu vou deixar que me apontem como autor de uma falta que eu não cometi, sem esboçar um gesto, sequer, em minha defesa, só para não dar importância às pessoas que falam? Não é possível admitir um procedimento dessa natureza, mãe. O nosso nome, a nossa educação, a nossa dignidade e o nosso decôro, constituem um patrimônio que nós precisamos defender a qualquer preço.

Eugênia - Nós pensamos de maneiras completamente diversas, meu filho. Eu tenho a minha consciência e esta me basta.

Alfredo - Não concordo com a senhora. Se a senhora vive dentro de uma sociedade - e mais: - faz questão absoluta de ser um elemento de desta que dentro dessa sociedade, não é lícito, da sua parte, desprezar a opinião e o conceito que ela emite sobre o seu procedimento. (Tom) A senhora sabe o que já dizem as más línguas?

Eugênia - Não sei e não me interessa saber.

Alfredo - Pois devia interessar - tão graves são as acusações que lhe fazem.

Eugênia - Pois bem, se você acha que eu devo saber, pode dizê-las. Não deixa de ser interessante conhecer a opinião da gentalha.

Alfredo - Dizem que Gilberto é seu amante e que a senhora é que o sustenta.

OPERADOR - ACORDE AGUDO E TRÁGICO, SEM CORTAR A CENA.

Alfredo - (depois de pequena pausa) E dizem mais: que dona Rosah está perfeitamente ao par da situação mas que não se opõe a ela pelas vantagens materiais que usufrue. (Pausa) Responda-me agora: a senhora ainda acha que devemos cruzar os braços e fechar os ouvidos a tantas infâmias e baixeiras?

Eugênia - Não.

Alfredo - Não acha que eu tenho razão em lhe pedir que se afaste definitivamente desse moço?

Eugênia - Também não.

Alfredo - Como assim?!... Confesso que não lhe entendo.

Eugênia - Eu sei como proceder para acabar, de vez, com a maldade dessa corja.

Alfredo - Que ~~deve~~ fazer?

Eugênia - Aceitar o ~~que~~ que Gilberto me fez e casar-me com ele.

OPERADOR - RAJADA MUSICAL, SEM CORTAR A CENA.

Alfredo - Mãe!... ← FR.

Eugênia - Óra essa, meu filho! Por que um espanto tão grande?

Alfredo - Não é possível!... A senhora não está falando sério.

Eugênia - E por que não? Que é que me impede de casar-me com uma pessoa que me agrade?

Alfredo - Que é que lhe impede de casar-se?... Gilberto pode ser seu filho.

Eugênia - (ferida, num salto de leão) Cale-se, Alfredo. Chega de lançar-me em rosto a minha velhice. Que eu tenha cinquenta e um anos ou cinquenta e dois - como você faz questão de dizer - isso não importa. O que importa é que sou mulher e sinto, dentro de mim, o anseio e a necessidade de viver. E porque o meu coração se inclinou para um homem alguns anos mais moço do que eu, até você se julga com o direito de lançar-me em rosto essa diferença de idades?

Alfredo - Até eu, não, mãe. "Principalmente eu" devo alertá-la contra essa circunstância. Penso que me cabe o direito de fazer com que a senhora desperte para a realidade.

Eugênia - Pois ~~saiba~~ saiba, então, que eu lhe nego esse direito.

Alfredo - Mãe, por favor! Pense um pouco no tremendo ridículo desse casamento. Pense em mim, na senhora mesma, na memória de papai...

Eugênia - (corta) Não me fale em seu Pai, Alfredo. Você nada sabe da vida que levamos para poder apelar para a memória dele, como si ela merecesse, de mim, o respeito e a devoção que merece <sup>(a memória de)</sup> um santo. Você nada mais presenciou, da nossa vida em comum, sinão as cordiais palestras que mantínhamos às refeições e nas quais simulávamos um perfeito entendimento que nunca existiu, mas que você precisava acreditar que realmente existisse para que a sua alma de adolescente pudesse desenvolver-se isenta de choques ou de recalques. E esse foi o meu grande mal. Conservá-lo afatado das minhas amarguras e dos meus pezares. Chorar em silêncio as minhas lágrimas. Fazer com que você acreditasse que eu era uma mulher perfeitamente feliz, quando na verdade eu não passava de uma sofredora. Si você tivesse tido conhecimento da verdade ao seu devido tempo, talvez hoje me concedesse esse direito tão humano de buscar uma felicidade que ~~eu~~ nunca tive.

Alfredo - (abatido, depois de pausa) Mãe, o que a senhora acaba de me revelar me surpreende ao máximo, mas não me convence. Eu não desejo negar-lhe o direito de ser feliz. Desejo - isso sim - impedir que a senhora corra ao encontro da infelicidade.

Eugênia - O que é que pode dar a você a segurança de que eu serei infeliz ao lado de Gilberto?

Alfredo - A lógica e o bom senso. Seria ele capaz de lhe propôr casamento si a senhora fôsse uma viuva pobre? Não acredito. Si ele não tivesse as vantagens que o casamento com a senhora pode lhe proporcionar, eu não tenho a menor parcela de dúvida de que ele haveria de buscar, para casar-se, uma moça da sua idade. Isso é uma coisa que entra pelos olhos de qualquer um, mãe. Só a senhora não consegue ver.

Eugênia - Rosah conhece de sobra o filho que tem e me afirma que nunca o julgou capaz de uma paixão tamanha.

Alfredo - Dona Rosah, com essa afirmativa, só consegue demonstrar o quanto é sórdida e interesseira.

Eugênia - (queimada) Que é isso, Alfredo? Eu não posso permitir que você ofenda dessa maneira uma amiga que eu tanto prezo.

Alfredo - (queimando-se também) Sórdida e interesseira, repito. E é a maior culpada por essa investida insólita ao nome e à dignidade de uma mulher decente.

Eugênia - Alfredo, messa as suas palavras.

Alfredo - É uma calculista desalmada e fria que não vacila um instante em sacrificar a mocidade e a felicidade de seu filho, visando, unicamente, a própria tranquilidade e bem estar.

Eugênia - Não meu filho, você diz isso porque não conhece Rosah. Ela seria incapaz de praticar uma baixezra tão grande e principalmente com o seu filho único que é tudo para ela na vida. Digo-lhe mais: si ela não estivesse plenamente convencida da paixão de Gilberto por mim, não teria a menor consideração pela nossa amizade e faria a mais cerrada e aberta das oposições.

Alfredo - Que pena eu tenho da senhora, Mãe!

Eugênia - Pena por que?

Alfredo - Porque a senhora até ridícula está ficando.

Eugênia - Ridícula, eu?!

Alfredo - É claro. Falar, com a convicção que a senhora falou, na paixão de Gilberto pela senhora, é de um ridículo atroz. De um ridículo inqualificável, minha mãe. A senhora já se olhou bem ao espelho?

Eugênia - (queimada) Que estás querendo insinuar, Alfredo? Já não chegam as ofensas todas que me dirigiste?

Alfredo - Verdades não são ofensas, minha mãe, são verdades. Elas ferem, quando são cruas, mas não deixam de ser verdades.

CONTRA REGRA - TRES OU QUATRO PASSOS QUE SE AFASTAM E VOLTAM LOGO.

Alfredo - Olhe-se neste espelho.

Eugênia - Não é preciso. Conheço-me de memória.

Alfredo - Mas eu lhe peço que se olhe para ter a certeza de que não estou exagerando as coisas que lhe vou dizer. (Pausa) Repare bem na tinta dos seus cabelos. A senhora pensa que ela convença alguém de que eles sejam realmente dessa cor? Engana-se. Todos sabem que eles são brancos e que estão pintados.

Eugênia - (severa) Alfredo!

Alfredo - Olhe bem para as rugas da sua testa, da sua boca... dos seus olhos... Crê que esse creme que a senhora usa possa dar aos outros a ilusão de que elas não existem? Engana-se, também.

Eugênia - (mais forte) Cale-se, Alfredo!

Alfredo - Olhe bem para a pele do seu pescoço. Julga a senhora que essa gargantilha de pérolas possa evitar que se perceba a sua flacidez?

Eugênia - (mais forte) Basta, Alfredo, nem uma palavra mais!

Alfredo - Olhe, ainda, a carne flácida dos seus braços e dos seus seios...

Eugênia - (Ainda mais forte) Alfredo, não me exaspere!

Alfredo - Para a proeminência do seu ventre...

Eugênia - (gritando) Cale-se, ou não respondo por mim!

Alfredo - Para as varizes de suas pernas...

CONTRA REGRA - RUÍDO DE BOFETADA FORTE.

OPERADOR - PONTADA FORTE, SEM CORTAR A CENA.

Alfredo - (gemido abafado ao receber a bofetada) Pausa longa. Silêncio absoluto  
Mamãe!... A senhora... a senhora bateu no meu rosto!... Nunca pensei que a sua cegueira e o seu ridículo pudessem chegar a tal ponto!...

Eugênia - (Profunda emoção, mas buscando ser forte) Alfredo... Retire-se da minha presença.

Alfredo - (depois de pausa) Está bem, mamãe. Eu me retirarei, mas não apenas da sua presença. (forte) Eu me retirarei desta casa... e para sempre!

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E PORTA QUE ABRE E FECHA FORTE, AFASTADA, MAS SEM ENTER.

Eugênia - (DESATA A SOLUÇAR LOUCAMENTE ATÉ O SINAL DA DIREÇÃO)

OPERADOR - AGUARDA O SINAL DA DIREÇÃO E ENTRA COM A CARACTERÍSTICA FORTE PARA FINAL DO 1º ATO.

← F 2°

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA.

Gilberto - Estás feliz, querida?

Eugênia - Sim, meu amor, muito feliz! E a minha felicidade vem de ti, do teu amor que tem o poder maravilhoso de me fazer retroceder aos dezoito anos e voltar a viver, no outono, todas as alegrias e as ilusões da primavera.

Gilberto - Fico muito satisfeito de te ouvir falar assim. Houve um momento, na igreja, em que as tuas lágrimas me pareceram de arrependimento.

Eugênia - (Rápida) Nunca, meu amor! Nem digas semelhante coisa! Não acredites que eu deveria estar profundamente emocionada, naquela hora?

Gilberto - Acredito, sim. Por que não? É bastante que me digas para que eu não tenha o direito de duvidar.

Eugênia - Obrigada, meu querido! Mas por que motivo pudeste pensar que eu me tivesse arrependido?

Gilberto - Porque eu tenho a impressão de que as lágrimas - tal como as flores - parecem adquirir a significação exata do momento que vivem. E assim como penso que uma flor sobre um túmulo não consegue quebrar a tristeza que a lembrança da morte nos inspira, acredito, também, que as lágrimas de reconciliação não chegam, nunca, a afastar do nosso semblante, a alegria que por elas transborda. (Tom) E ao sentarmos no auto novel, à saída da igreja, eu tive a impressão de que as lágrimas que te rolavam pelo rosto, tinham o colorido da amargura.

Eugênia - Bem, Gilberto... talvez que naquele instante...

Gilberto - (depois de pausa, inquieto) Alfredo?

Eugênia - Sim, meu amor. Eu sempre esperei, até ao último instante, que ele aparecesse lá para me levar o seu abraço de reconciliação como um presente de núpcias. Ele não foi... e as lágrimas que você surpreendeu, naquele instante, talvez levassem em si o colorido amargo da minha desilusão. (Tom) Perdê, meu querido. Eu tinha prometido a você que não mais falaria de Alfredo... si o fiz agora foi à guisa de explicação.

Gilberto - Não tem importância. Eu não estou magoado por causa disto. Mesmo por que o meu coração está de tal forma inundado de alegria que nele não sobraría lugar para qualquer outro sentimento.

Eugênia - Meu querido!... Como me fazes feliz, falando assim!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

- Gilberto - Não deve ter sido pequena a sua surpresa quando me fiz anunciar pelo seu secretário; não é verdade?
- Alfredo - (seco) Realmente. Não sabia que o senhor já houvesse regressado de sua viagem à Europa e, mesmo que soubesse, confesso que me teria surpreendido igualmente, porque não seria capaz de imaginar que o senhor viesse me procurar.
- Gilberto - Fui obrigado a fazê-lo porque assim o exigem os nossos interesses comuns. Afinal... somos sócios nas fábricas que possuímos e é muito natural que, de quando em vez, eu procure inteirar-me da situação dos nossos negócios.
- Alfredo - Ha pouco mais de trinta dias mandei, ao seu endereço particular, um relatório semestral de todas as nossas atividades comerciais. Por ele o senhor poderá verificar, claramente, a nossa situação econômica que - diga-se de passagem - é bastante lisongeira.
- Gilberto - Sim, eu sei. Casualmente ainda ontem estivemos, eu e sua mãe, examinando cuidadosamente os balancetes que constam do relatório e desse exame resultou a minha resolução de vir aqui falar pessoalmente com você.
- Alfredo - (sempre frio, mas&polido) Estou às suas ordens.
- Gilberto - É que eu e sua mãe resolvemos que o lucro que nos cabe no balanço do último semestre, ao envez de nos ser creditado em conta especial, como era feito antes, nos seja entregue em mão. Aqui está a carta assinada por ela, confirmando esse desejo.
- Alfredo - Perfeitamente. Só estranho que minha mãe tenha mudado tão bruscamente a sua orientação, quando dois meses antes do seu casamento ainda havíamos combinado não retirar os nossos lucros, para aumento do capital da Companhia no fim do ano.
- Gilberto - Sim, sim, realmente ela me falou nesse aumento combinado, mas depois que lhe expuz o meu plano de negócios, foi ela a primeira a desejar que eu o puzesse imediatamente em prática. Você compreenda, Alfredo, para mim é sumamente ~~esta~~ desagradável estar de braços cruzados e viver dos lucros de uma firma onde não tenho e "não desejo ter" a menor interferência. ~~Essa~~, poderei empregar a minha energia e a minha atividade num outro negócio onde os lucros são igualmente certos.
- Alfredo - Muito bem. Peço-lhe que me conceda vinte quatro horas de prazo para lhe fazer entrega desse dinheiro. Amanhã, a estas mesmas horas, si não fôr muito incômodo para o senhor voltar a este escritório, já o cheque estará assinado para que retire o dinheiro do Banco.
- Gilberto - Perfeitamente. Eu voltarei amanhã. E já que nos entendemos tão bem comercialmente, permita-me que tente, também, um entendimento no campo sentimental. Afinal, parece-me que você foi um tanto precipitado, Alfredo. Eu concordo em que você...
- Alfredo - (duro, cortando) Acho melhor não discutirmos esse assunto, senhor meu padraço.
- Gilberto - Mas por que não? Discutindo é que a gente se entende.

Alfredo - Não ha entendimento possível entre criaturas com pontos de vista tão diferentes. O que para o senhor e minha mãe pode parecer a coisa mais natural d'este mundo, para mim, ainda agora, mesmo depois do fato consumado, continua sendo o maior de todos os absurdos.

Gilberto- Eu compreendo, Alfredo, que você tenha extranhado a minha resolução de casar-me com sua mãe e que, em face da diferença das nossas idades e da situação financeira de cada um, tenha interpretado de modo diverso o meu interesse por ela; entretanto, afianço-lhe que você está sendo muito injusto no julgamento dos meus sentimentos por ela. Sua mãe, embora seja... - digamos - uma mulher madura, possui todas as qualidades físicas e morais para prender e apaixonar um homem de vinte e quatro anos, como eu. E eu não mentirei a você dizendo que amo Eugênia com o mesmo e entusiastico amor que dedicaria a uma jovem da minha idade. Assim sendo, não vejo nenhum motivo para que você possa discordar ~~em~~ da felicidade de sua mãe.

Alfredo - Ouça, senhor meu padraсто: é muito cedo, ainda, para que eu possa verificar si o erro foi meu ou de minha mãe. E digo-lhe mais: desejo - e Deus sabe com que sinceridade!- que tenha errado eu e não ela; entretanto, antes que o senhor me faça o pedido de uma aproximação entre nós, devo dizer-lhe que não modificarei a minha atitude de total afastamento, até que o tempo me tenha provado que eu fui realmente injusto no meu julgamento. Quando isso acontecer... pode estar certo de que eu não esperarei que me chamem. Irei, ~~ex~~ ~~pon~~ ~~tâne~~ ~~me~~ ~~nt~~ ~~e~~, penitenciar-me da minha falta e pedir-lhes que me perdoem. Até lá, as nossas relações não se afastarão do terreno comercial, senhor meu padraсто. E estamos conversados, por hoje.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Eugênia - Ouça, Gilberto: é muito desagradavel e constrangedor, para mim, discutir com você assuntos de dinheiro, mas diante do que você acaba de me pedir, eu não posso deixar de ponderar a você - perigo a que nos ~~arrizamos~~ expomos, abandonando a sociedade que meu filho dirige e que nos dá lucros certos e grandes, para nos dedicarmos, unicamente, aos negócios do seu escritorio de importação que, afinal, já nos consumiu o lucro de três balanços, sem nenhum resultado até hoje.

Gilberto- Mas querida, você precisa compreender que árvore alguma pode produzir frutos, antes de dois ou tres anos de ter sido plantada. É o caso do meu escritório. Faz pouco mais de ano e meio que estou trabalhando com importações e as despesas, com os negócios desse gênero, são realmente bastante vultosas, dando sempre a impressão, aos que nada entendem do assunto, que os lucros não chegam nunca, mas o que eu lhe posso garantir é que depois que chegamos ao ponto em que estamos, ao fim de mais dois ou três mezes estaremos colhendo resultados que nem de longe poderão ser comparados aos obtidos por seu filho nas suas fábricas. E é por isso que insisto em que você se desligue daquele negócio, porque dentro de dois mezes, no máximo, já não precisaremos mais dele.

Eugênia - E nós não poderíamos continuar como sócios das fábricas e o seu escritório ao mesmo tempo?

Gilberto - Não, porque nós vamos necessitar de todo o capital que dispomos e sem ele nós iremos cortar a árvore maravilhosa que plantamos antes que ela nos tenha dado seus frutos.

Eugênia - (depois da pausa) Não sei, Gilberto, não sei... Eu devo confessar lealmente a você que me sinto receosa de fazer o que você pede.

Gilberto - Receosa por que, meu amor? Você não tem confiança em mim? Pensei que.

Eugênia - (corta) Não, meu querido, não é uma questão de falta de confiança em você. Isso não existe, graças a Deus, e eu seria a mulher mais desgracada no momento em que essa confiança chegasse a me faltar...

Gilberto - Pois então, meu amor?

Eugênia - Mas é que você sabe como são os negócios... Por melhores e mais seguros que sejam, eles podem se tornar ruins de um momento para o outro.

Gilberto - Eugênia, querida: o seu Gilberto nunca lhe mentiu; não é verdade?

Eugênia - Felizmente, nunca.

Gilberto - Pois então ouça o que lhe vou dizer: você não ha de se arrepender, nem um momento, de fazer o que estou lhe pedindo. (Pausa) Que me diz?

(nova pausa) Chegou o momento de eu me certificar se você tem realmente confiança em mim.

Eugênia - (vencida) Está bem, meu amor. Eu não saberia, nunca, dizer "não" a você.

Gilberto - Obrigado, Eugênia/querida. E é por isso que o meu amor por você é cada vez maior, à medida que o tempo passa. (BEIJOS)

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Alfredo - Mãe!...

Eugênia - Eu, sim. Sei que lhe desagrada a minha presença aqui neste escritório, mas uma vez que você se negou a atender as solicitações que lhe fiz por intermédio de meu marido e <sup>também</sup> por carta, fui obrigada a vir, mesmo sabendo a contrariedade grande que lhe causaria.

Alfredo - (polido) Sente-se. (Pausa) Vem insistir na tolice de se desligar da nossa sociedade?

Eugênia - Venho exigir que você cumpra as minhas determinações, uma vez que a parte do capital que me cabe é minha e só eu posso deliberar sobre ela.

Alfredo - Mas mãe, a firma tem compromissos vultosos que necessita atender e uma vez reduzida à metade do seu poderio ficará em sérios embaraços.

Eugênia - Ah, bem. Então o motivo verdadeiro era este e não os que você alegou ao meu marido?

Alfredo - Todos os motivos alegados são verdadeiros, mas este é, sem dúvida, o principal entre eles. É porque a senhora não entende absolutamente nada de negócios, do contrário haveria de saber que não pode, de forma nenhuma, exigir a entrega imediata de um capital que está comprometido ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ e para cuja retirada é necessário um aviso prévio com uma antecedência razoável.

Eugênia - Alfredo, você está fazendo demagogia, apenas. Eu sei das suas possibilidades e do crédito imenso que você dispõe em todos os bancos da cidade. Nenhum deles negaria a você, por empréstimo, a importância que você teria que me entregar, digamos... daqui a quinze ou trinta dias. É que você não quer entregar esse capital por motivos que ainda não pude perfeitamente atinar, mas que, entre todos, o que me parece estar mais claro é o ciúme de Gilberto.

Alfredo - Ciúme?!... Ora, minha mãe, não seja tola. Ciúme de Gilberto por que? Francamente que só essa me faria rir num momento destes. (Começa a rir com sarcasmo e estende esse riso por alguns momentos)

Eugênia - (queimada com o riso do filho, mas procurando conter-se) Ris. Pode rir. Ria enquanto tiver vontade, mas o certo é que esse riso, em vez de ocultar o seu ciúme, ainda o põe mais em evidência.

Alfredo - (Cessa de rir, bruscamente, irritado também) Não seja tola, repito. Ter ciúme de Gilberto por que? Porque ele me tenha roubado o seu afeto, é o que a senhora pensa?

Eugênia - Não. Eu sei que ~~o afeto~~, para você, nunca teve uma importância tão grande. A razão do seu ciúme é outra. Bem diferente.

Alfredo - Pois então diga-a. Palavra que estou curioso para sabê-la.

Eugênia - A razão do seu ciúme é a sua vaidade, Alfredo.

Alfredo - Palavra de honra que ~~nao~~ estou entendendo, minha mãe.

Eugênia - É a sua vaidade, sim, é o seu despeito de saber que dentro de poucos meses o nome de Gilberto será tão conhecido e tão poderoso quanto o seu no comércio do Brasil e do exterior.

Alfredo - (pasmo) Meu Deus!...

Eugênia - É inútil negar, Alfredo e fazer essa expressão de pasmo porque a mim, que o conheço desde pequeno, você nunca chegará a convencer. Aliás você foi, sempre, um menino ciumento e invejoso.

Alfredo - (pasmo) Mãe!...

Eugênia - Não podia ver um brinquedo na mão dos outros que não desejasse logo possuí-lo. Se um vizinho ou um amigo aparecia na calçada de roupa nova, já você corria para dentro de casa, exigindo que lhe puzessem uma das suas roupas de passeio. Se seu pai uma ou outra vez aparecia em casa com um presente para mim, já você se mostrava amadô porque não tinha sido lembrado por ele. Eu pensei que, com o decorrer dos anos, você tivesse conseguido se corrigir desse defeito tão grave, mas agora, infelizmente, verifico que você conseguiu sufocá-lo por algum tempo, mas que não logrou matá-lo.

Alfredo - (revoltado) Mãe, a senhora está sendo profundamente injusta comigo e eu não posso mais suportar o peso dessa injustiça. Eu não queria lhe dizer o verdadeiro motivo porque me opunha a que seu marido retirasse o capital que lhe cabe na nossa firma, mas diante das acusações quasi ofensivas que a senhora acaba de me fazer, vou lhe dizer a verdade: sabe por que não deesejo entregar esse capital? Porque a senhora não só o perderá como perderá também seu marido.

Eugênia - Alfredo, você não tem o direito de pensar tamanho absurdo.

Alfredo - Não tenho o direito de pensar - diz a senhora? Mas o que pensa a senhora que ela fez dos lucros de três balanços que lhe caíram nas mãos? Dissipou-os, da mesma maneira que irá dissipar o seu capital. E quando a senhora não tiver mais um níquel para satisfazer a sua ambição desmedida, ela a abandonará sem a menor consideração ou a menor piedade. Sei que a verdade é dura e que lhe fere fundo o coração, mas não era mais possível guardá-la comigo. A senhora, agora, tem diante de si o seguinte dilema: ou ~~xxxxxxx~~ entrega-lhe o capital e perde com ele o marido, ou perde apenas o marido e salva o seu capital. (Pausa) Escolha.

Eugênia - Alfredo, eu não sou mais criança e sei bem o que faço. Dou-lhe quinze dias para entregar a Gilberto a parte do capital que me cabe na nossa sociedade. *Se não o fizer... recorreré a um advogado.*

Alfredo - (depois de pausa) Está bem, mãe. Já que esta é a sua vontade, ela será fielmente cumprida, mas adianto-lhe, desde já, que terei muita pena das lágrimas ~~xxxx~~ que a senhora terá que chorar.

Eugênia - Não será da sua conta. É bom ficar bem certo que não virei chorá-las no seu regaço. Adeus.

OPERAÇÃO - CARACTERÍSTICA FORTE PARA FINAL DO SEGUNDO ATO.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA PARA ABERTURA DO 3º ATO.

Eugênia - ( no auge do esanto ) Não é possível!... Você em minha casa!... Que foi que aconteceu?!...

Alfredo - Nada mais do que eu esperava que haveria de acontecer um dia.

Eugênia - Que quer dizer? Não estou entendendo...

Alfredo - Já vai entender. Sabe, a senhora, para onde foi seu marido?

Eugênia - ( sorrindo ) Claro que sei, óra está! Foi para o Rio de Janeiro, a fim de tratar de um negócio importantíssimo que nos trará lucros fabulosos.

Alfredo - Para o Rio de Janeiro, diz a senhora? Tratar de um negócio?

Eugênia - Pois já não lhe disse que sim? Por que dúvida?

Alfredo - Porque tenho razões de sobra para duvidar.

Eugênia - Você continua a ser o mesmo homem, Alfredo: intolerante e desconfiado.

Alfredo - O que não sou é bobo, entendeu? E que pena eu tenho da sua cegueira, minha mãe! Como a senhora é fácil de se deixar enganar!

Eugênia - Por que? O que é que você quer dizer com isso? Continue aí não alcançar o ponto onde você pretende chegar.

Alfredo - Minha mãe, eu tenho muita pena da senhora, mas... sou obrigado a dizer-lhe a verdade.

Eugênia - ( já nervosa e preocupada ) Pois então fale de uma vez e não fique aí a lamentar-me.

Alfredo - Seu marido fugiu para a Europa.

OPERADOR - PONTADA AGUDA, SEM CORTAR A CENA.

Eugênia - O que?!... Como foi que você disse?!...

Alfredo - Disse que seu marido fugiu para a Europa, levando todo aquele dinheiro que a senhora me obrigou a entregar a ele.

Eugênia - ( forte, rascando ) É mentira!

Alfredo - ( mais forte ) É verdade.

Eugênia - ( ainda mais forte ) É mentira, repito.

Alfredo - E eu lhe repito que é verdade, minha mãe.

Eugênia - Eu não acredito. Não acredito e não acredito. Isso é mais uma das suas manobras para me afastar de Gilberto, mas saiba, de uma vez por todas, que nunca o conseguirei, ouviu? Nunca o conseguirei.

Alfredo - Minha mãe, procure atinar com as coisas e não esteja a proceder feito criança, dizendo tolices sem nexo. Lamentavelmente... desgraçadamente... a senhora foi traída pelo seu marido de uma forma miserável.

Eugênia - Não é possível.

Alfredo - Traída e roubada, minha mãe!

Operador - Pontada forte, seu cortar.

Eugênia - Não acredito.

Alfredo - Si lhe afirmo semelhante coisa é porque tenho provas, mãe.

Eugênia - Pois deixe-me ver. Só diante de provas convincentes eu acreditarei no que você diz. Vamos, mostre as provas que tem.

Alfredo - Espere. Antes eu preciso lhe contar o que se passou, para que a senhora não me sene de ter cruzado os meus braços diante do vendaval tremendo que haveria de se desencadear sobre a sua cabeça.

Eugênia - (nervosa) Fale, por favor. Não me torture mais.

Alfredo - Ouça, então: quando eu tive conhecimento das relações amorosas de Gilberto com a sua secretária do célebre escritó...

Eugênia - (cortando) que foi que você disse? Relações amorosas de meu marido com a secre... (corta, transição brusca) É mentira! É mentira! Gilberto nunca me traiu, nunca!

Alfredo - Minha mãe, acalme-se e escute o que lhe vou dizer. Deus sabe com que pesar o faço, mas o momento não permite que lhe oculte nada. (Pause e tom) Há mais de seis meses que Gilberto e sua secretária vivem de amores ocultos.

Eugênia - (choque violento) Não é possível!... Não é possível!... Eu não posso acreditar! Não posso!...

Alfredo - Eu também não queria acreditar e quando há vinte dias atrás fui avisado de que estava acontecendo, pedi muito a Deus para que isso não fôsse verdade. Infelizmente, sem que eu tivesse procurado a verdade, por duas vezes se surpreendi em situações que não deixavam dúvidas ao espírito menos avisado.

Eugênia - (queimando-se) É por que não tomou logo uma providência? Por que não me avison imediatamente?

Alfredo - Não lhe avisei, na piora intenção de poupar-lhe a humilhação e o sofrimento. Quanto a tomar providências, eu as tomei de imediato. Tratei logo de ir ao apartamento da amante de seu marido para lhe pedir que o abandonasse. Cheguei mesmo a lhe fazer a proposta de lhe dar uma grande soma para que ela desaparecesse daqui e pudesse viver em qualquer parte do mundo, livre das preocupações do futuro.

Eugênia - (ansiosa) E ela? que lhe respondeu?

Alfredo - Não se mostrou nem um pouco entusiasmada com a minha proposta, dizendo-me, entre outras coisas, que ela não era dessas criaturas para quem o dinheiro está acima de tudo na vida. Fiz-lhe ver, então, que era moça e bonita e que não haviam de lhe faltar homens livres com quem ela pudesse organizar um lar legítimo e decente, sobre outro alicerce que não fôsse o das lágrimas da mulher traida...

Eugênia - (anciosa) E ela?

Alfredo - Falei-lhe, ainda, do choque brutal que a senhora sofreria... da solidão em que passaria a viver...

Eugênia - (anciosa) E ela?

Alfredo - Da tristeza que passaria a ser a sua companheira inseparável, arrastando-a, fatalmente, para a loucura ou para a morte...

Eugênia - (anciosa) E ela? Diga. E ela? Que lhe respondeu?

Alfredo - Ao princípio permaneceu em silêncio, como que pensando nas palavras que acabara de ouvir. Logo depois, fixou-me de frente e me pediu que lhe concedesse dez dias para pensar na minha proposta. Concordei e fiquei à espera que os dez dias passassem, quando hoje pela manhã, ao chegar no escritório, antes que o prazo estivesse vencido, encontro esta sua carta com a resposta.

Eugênia - (sôfrega) Dá-me. Quero vê-la.

CONTRA REGRA - DEPOIS DE PAUSA CURTA ABRE ENVELOPE (NÃO RASGA) E PAPEL.

Eugênia - (lendo sofrega a principio e depois vai ralentando, como se lhe faltasse fôlego). Prezado senhor. Durante vários dias e várias noites pensei, com o mais vivo empenho, na sua proposta, para chegar finalmente à conclusão de que ela (baixa o tom, desiludida) não me serve. Não há dúvida que foi uma proposta bastante generosa e que poucas mulheres teriam a coragem de recusar, mas como sou daquelas que pensam que o dinheiro não é tudo na nossa vida, recuso-a porque por muito vantagemosa que ela possa ser, não vale a felicidade imensa de amar e ser amada por um homem verdadeiramente adorável como é o seu padraço.

Alfredo - Penso que chega, mãe. Não é preciso ler mais.

Eugênia - Não, não, deixe. Eu quero ler até o fim.

Alfredo - Bem... si esse é o seu desejo...

Eugênia (o) Reconheço que seria melhor, para mim, ter encontrado um homem desimpedido e não ter que fazer chorar a outra mulher, mas foi Gilberto que o destino colocou no meu caminho e ainda que muito tivesse relutado, não encontrei, dentro de mim, as energias necessárias à tentação que a sua beleza e o seu amor me ofereciam. Quanto à sua mãe, lamento o que possa vir a sofrer, mas convenhamos que ela bem mereceu o destino que vai ter. Que pode esperar uma mulher velha que se casa com um rapaz ainda mais moço do que o seu próprio filho? Simplesmente o que aconteceu: que o rapaz canse de representar e procure viver a verdadeira vida, correndo em busca de um amor que seja realmente amor e que o faça vibrar nos momentos de êxtase ou de sonho. Consola-me, ainda, com referência à sua mãe, a certeza de que Gilberto já não podia mais suportá-la e que a deixaria por qualquer outra mulher. Isto ele a mim o afirmou; portanto... si ele não fugisse comigo... fugiria

com qualquer outra. Não levo, portanto, remorsos. A única coisa que verdadeiramente me comoveu, e por um momento me deixou com o coração amolecido, foi a sua admirável dedicação filial sobrepondo-se ao ridículo em que a sua velha mãe o colocou. Perdôe-me e não me queira mal. Antonieta Sanchez Vasques.

Alfredo - (Depois de pausa) E então? Acredita, agora?

Eugênia - Mas quem foi que disse a você que eles fugiram para a Europa? Ela não faz nenhuma referencia a isto nesta carta.

Alfredo - Foi o seguinte: logo que me inteirei do conteúdo dessa carta, resolvi apelar para o meu padrasto e corri a procurá-lo no seu escritório. Já não havia mais ninguém lá, além de um preto velho que me disse ser o zelador e que me informou que o patrão havia se mudado para a Europa com a sua família, deixando ordens para que ele vendesse todo o mobiliário, pagasse o aluguel e entregasse a chave antes do fim do mês. Saí dali em direção às agências das companhias de aviação e, numa delas, encontrei, na lista de passageiros, os nomes de Gilberto e Antonieta. Corri ao aéreo porto, na esperança de ainda agarrá-los em terra e fazer ~~qualquer~~ tudo para convencê-los de que não deveriam partir. Eu não sabia bem o que iria fazer, mas estava disposto a fazer qualquer coisa, contanto que eles não partissem. Estava disposto, até mesmo, a dizer-lhes que os ajudaria em tudo, desde que eles ficassem aqui e Gilberto continuasse a representar a farsa que durante quasi dois anos vinha representando. Cheguei tarde, porém. Fazia dez minutos que eles tinham partido. E tendo exgotado todos os meus recursos, eu me achei, finalmente, na cruel contingencia de vir aqui golpear o seu coração. Eu não queria fazer isto, mãe, creia. Apesar de tudo que houve entre nós, a senhora nunca deixou de ser a minha mãe, a quem eu, ~~apenas~~ <sup>mesmo agastado</sup> queria muito e com o maior carinho. (Pausa longa. Tom) Eu talvez tenha tido grande culpa no epílogo dessa tragédia. Si em vez de afastar-me da senhora tivesse permanecido ao seu lado, sempre vigilante, ele talvez não tivesse tido a coragem de fazer o que fez, sabendo-a desprotegida. ~~Eu~~ fui culpado, sim... Só agora o percebo.

Eugênia - Não, meu filho, você não teve culpa de nada. (segurando as lágrimas) A única culpada de tudo ~~isto~~ fui eu, que me deixei cegar pela vaidade ~~excessiva~~ de me sentir amada por um rapaz jovem e não quize enxergar a verdade! <sup>Com</sup> ~~De~~ <sup>mas</sup> ~~tudo~~ modo... não lamento o que passou, ~~verdade~~ Foram quasi dois anos de uma felicidade mentida, mas que nem por isso deixou de me fazer experimentar os maiores momentos da minha vida de mulher sequiosa de amor e de carinho. (Pausa) Não lamento nada. Nem mesmo o dinheiro que perdi. (TOM) Isto é... lamento uma coisa, apenas: o desgosto grande que lhe dei, meu filho. Só isso.

Alfredo - Isto é o de menos, mãe. Que eu sofresse duas vezes o que estou sofrendo, mas que a senhora não experimentasse, nunca, o sabor de uma desilusão tão grande.

Eugênia - O que eu experimento verdadeiramente agora, ~~em~~ meu filho, é o amor terrível da derrota. Eu acabo de ser derrotada pela velhice.

(Pausa e buscando reagir) Mas a velhice não é má, quando se tem um filho como você. (Pausa longa. Tom) Você me perdôa tudo?

Alfredo - (comovido, depois de pausa) Sim, mãe.

Eugênia - Tudo mesmo?

Alfredo - Tudo, mãe.

Eugênia - Não guarda nem um pequenino resquício de ressentimento no seu coração?

Alfredo - Não, mãe.

Eugênia - Então abrace-me. Quero ver. (Pausa longa) Assim!... (Nova pausa)

(comovida, sempre, mas sem chorar nunca) Você sabe a sensação que

*Operador - Entra com música suave em fundo.*  
eu sinto, recostada sobre o seu peito hercúleo e enlaçada pelos seus braços fortes? A mesma sensação que deve sentir a velha nau desarvorada, quando após uma noite negra de tormenta, sente a força e a segurança das amarras que a prendem ao cais de um porto seguro. Sentindo-me presa ao cais do seu coração, meu filho, deixe que lá fora as ondas se encrepem e se levantem, que o vento sopra violento e que os trovões ameacem devorar a terra. Eu sei que estou segura. E interessante... lembra-se quando eu lhe disse que estivesse descansado porque <sup>eu</sup> jamais viria chorar no seu regaço as lágrimas da minha desilusão? ~~Di~~ (Pausa) Diga, meu filho, lembra-se?

Alfredo - (pausa) Lembro-me, sim.

Eugênia - Pois bem... você talvez pense que só por orgulho eu não as queira chorar agora, ~~mas~~ eu lhe juro que não. É que a <sup>certeza</sup> ~~alegria~~ de me ter encontrado novamente com você, e de voltar a um lugar que eu nunca deveria ter abandonado ~~é uma alegria~~ causa-me uma alegria e uma emoção tão grandes que a tristeza da desilusão não chega a superá-las. Podes crer, meu filho. Eu não choro porque não sinto vontade de chorar. Foi uma lição que a vida me deu. Uma lição cara e difícil de ser aprendida, mas os ensinamentos hão de ficar e já começaram a produzir seus frutos. Eu aprendi a ser a mãe que deveria ter sido e que não fui.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL PORTE PARA ENCERRAMENTO.